"QUANDO VOCÊ LUTA POR UMA ESCOLA NA FAVELA, TÁ LUTANDO POR EDUCAÇÃO PRA GENTE QUE REALMENTE PRECISA": AS DEMANDAS ESTUDANTIS DO "OCUPA COMPOSITOR".

Mariana Santos[1]

RESUMO

O presente estudo investigativo é resultante de uma pesquisa realizada numa instituição ocupada em Manguinhos durante o processo de ocupações de escola no ano de 2016. A centralidade desta pesquisa focalizou a constituição de demandas e subjetivações de ocupantes de escola pertencentes à instituição denominada pelo coletivo de "Ocupa Compositor". A metodologia empírica utilizada consistiu na análise de entrevistas semiestruturadas e a noção conceitual pós-estruturalista de Laclau (2016) foi utilizada, norteando as interpretações das entrevistas destes atores sociais. Neste sentido, as falas dos ocupantes entrevistados obtiveram ressonância quanto a reivindicações que pautavam: direitos sociais, melhoria da qualidade da educação, segurança pública, enfrentamento ao racismo na escola e outros elementos que interssecionam a caracterização de uma escola periférica localizada em área considerada de conflito. A pesquisa evidenciou que embora as demandas iniciais tenham sido de natureza curricular e educacional, outras demandas da "ordem dos desejos" foram enunciadas, como analisamos nas construções discursivas apresentadas por estudantes no artigo. Em suma, a luta política das ocupações de escola e sua dinâmica de organização dialógica e plural possibilitaram a estes educandos reivindicarem cidadania plena para comunidade do entorno e condições substanciais de existência enquanto estudantes neste território.

[1] UERJ

Palavras-Chave:
Ocupações de escola; Demandas; Manguinhos.

"WHEN YOU FIGHT FOR A SCHOOL LOCATED IN A FAVELA, YOU ARE FIGHTING FOR EDUCATION FOR PEOPLE WHO REALLY NEED IT": THE STUDENT DEMANDS OF "OCUPA COMPOSITOR"

ABSTRACT

The present investigate study is the result of a research carried out in na occupied instituicion in Manguinhos during the process of scholl occupation in the year 2016. The centrality of this research focused on the constituition of demands and subjectivations of school occupants belonging to the instituicion called by the collective of "Ocupa Compositor". The empirical methodcology used consisted of the analisis of semi structured interviews and the post-structuralist notion of Laclau (2016) was udesd, guiding the interpretations of the interviews of these social actors. In the sense, the statements of the occupants interviewed echoed the demands that guided them: social rights, improvement in the quality of education, public safety, confronting racism at school and other elements that intersect the characterization of a peripheral school located in an area considered to be of conflict. The research showed that although the initial demands were of a curricular and educational nature, other demands of the "order of desires" were enunciet. As we analyzed, as we analyzed in the discursive constructions presents by students in the article. In short, the political struggle of school occupations and their dialogical and plural organization dynamics made it possible for these students to claim full citizenship for the surrounding community and substantial conditions of existence as students in the territory.

Keywords:
School occupations; Demands; Manguinhos

"CUANDO LUCHAS POR UNA ESCUELA UBICADA EN UNA FAVELA, ESTÁS LUCHANDO POR LA EDUCACIÓN DE LAS PERSONAS QUE REALMENTE LA NECESSITAN": LAS DEMANDAS ESTUDANTILES DE " OCUPA COMPOSITOR" "

RESUMEN:

El presente estúdio investigativo ES resultado de uma investigación realizada em uma instituición ocupada em Mangunhos durante El proceso de ocupaciones escolares em 2016.La centralidad de este investigacion se centro em la constituicion de demandas y subjetividades de los ocupantes escolares pertenccientes a la instituicion convocada por El colectivo " Ocupar Compositor" . La metodologia empírica utilizada consistió em el análisis entrevistas semiestructuradas y se utilizó la nocion conceptual postestructuralista de Laclau(2016), guiando las interpretaciones de las entrevistas a estos actores sociales. Em este sentido, los discursos de los ocupantes entrevistados tuveram resonancia em torno de las demandas que incluán: derechos sociales, mejoramiento de la calidad de la educacion, seguridad pública, enfrentamiento al racismo em la escuela y outros elementos que cruzan la caracterizacion de uma escuela periférica em una zona ubicada considerada ser um conficto. La investigación mostro que si bien las demandas iniciales fueron de carácter curricular y educativo, se enunciaron otras demandas Del "orden de los deseos", como analizamos een las construcciones discursivas presentadas por Estudiantes em El artículo. Em resumen,la lucha política de las ocupaciones escolares y suas dinâmicas de onrganización dialógica y plural permitierion a estos estudiantes reclamar ciudadanía plena para la comunidad circundante y condiciones sustanciales de existência como estudiantes em este território.

Palavras clave:

Ocupaciones escolares; Demandas; Manguinhos.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante de uma das vivências empíricas da pesquisadora na instituição ocupada Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila localizado no bairro de Manguinhos, cidade do Rio de Janeiro. Tais estudos culminaram na formulação na pesquisa empírica de um estudo no campo de estudo da educação em maio de 2020. A investigação se objetivou em realizar uma pesquisa interpretando demandas curriculares e educacionais produzidas por estudantes nas ocupações de escola do Rio de Janeiro no período de março a julho de 2016.

Assim, pretende-se investigar as demandas estudantis desta instituição reconhecida na época como "Ocupa Compositor". Considera-se o recorte da pesquisa neste território de suma relevância por estar localizada numa região geográfica território estigmatizada pelo setor de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro, pelo fato da sua construção da instituição ter tido motivações políticas e devido a situação sócio econômica desta comunidade escolar se encontrar em condições extremamente desfavoráveis em seu cotidiano. O estudo utilizou entrevistas semi estruturadas realizadas com os ex-ocupantes no ano de 2019, três anos após o movimento de ocupações terem sido finalizadas, interpretando a constituição destas demandas destes atores sociais.

Parte de um conjunto de estudantes da Rede Estadual de Educação denominados "ocupantes" compôs esta luta política, havendo também uma pluralidade de posicionamentos do corpo discente maior com relação à constituição deste movimento das ocupações na ocasião. Este movimento se constitui da iniciativa de alguns estudantes de se ocupar instituições escolares, antagonizando-se à gestão da SEEDUC (Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro) vinculada ao Governo Pezão[2], disputando sentidos da qualidade na Rede Estadual de Ensino.

[2]No final de março de 2016, o governador Luiz Fernando Pezão foi diagnosticado com câncer e se afastou do cargo, tendo o vice-governador Francisco Dornelles assumido temporariamente o cargo. Pelo fato de a gestão administrativa da SEEDUC direcionar-se às deliberações do seu mandato, mencionaremos seu nome ao longo do texto Luiz Fernando Pezão foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro em 2014, herdando a política do governador Sérgio Cabral e elegendo se no 2º turno daquele ano. No governo anterior de Sérgio Cabral, ocupava a posição de vice governador e assumiu o posto

De maneira geral, essa luta política hegemonizou formas de atuação pouco habituais dos movimentos sociais do campo da educação, mediante a composição exclusiva de estudantes nas bases e lideranças do movimento. Um exemplo disso foi a ação política de se "tomar prédios", objetivando reivindicar pautas no setor da educação, formas de auto-organização cotidiana e metodologia de caráter autonomista. É importante frisar que, embora a maioria das escolas ocupadas se apresente como independentes politicamente ou horizontais no conjunto de suas ações, a natureza ideológica de cada ocupação se apresentava de maneira singular.

Para os ocupantes e o movimento de professores, a agenda de educação do governo Pezão (2014-2018) gerido pela SEEDUC (Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro) era identificada como neoliberal. Segundo o SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro), o projeto de educação da gestão deste governo se configurava como tal, pois se desresponsabilizava de priorizar melhores condições de

de secretário de obras, coordenando projetos de pavimentação de ruas e urbanização em municípios do estado e bairros da cidade do Rio de Janeiro. Foi preso em novembro de 2018 e condenado a 98 anos e 11 meses pela operação "Boca do Lobo" proveniente das investigações da Lava Jato. Pezão foi acusado de receber propina no seu governo pelos seus delatores e pelo ex-governador Sérgio Cabral, preso desde novembro de 2016, na operação Calicute, também proveniente das investigações da Lava Jato.

No momento inicial das ocupações de escola, o cargo de secretário de educação do Estado era composto por Antonio Netto, nomeado para o cargo desde o início do mandato da gestão de Pezão, em janeiro de 2015. Após encontrar dificuldades de mediação no diálogo com alunos ocupantes e professores do Colegio Estadual Mendes de Moraes, o então secretario entregou seu cargo no dia 16 de maio de 2020. Vagner Wicter, presidente fundação de apoio a Escola Técnica assumiu o cargo logo após a saída de Netto. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2016-03-24/pezao-e--diagnosticado-com-cancer.html>. Acesso em: 05 de Dez. 2019.

Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/06/04/ex-governador-do--rio-luiz-fernando-pezao-e-condenado-a-quase-99-anos-de-prisao. Acesso em 30 de abril de 2020

Disponível em http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/secretario-de-educacao-do-rj-e-exonerado-wagner-victer-assume.html. Acesso em 30 de abril de 2020

Disponível em: <https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2016-03-24/pezao-e--diagnosticado-com-cancer.html>. Acesso em: 05 de Dez. 2019.

Disponível em http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/secretario-de-educacao-do-rj-e-exonerado-wagner-victer-assume.html. Acesso em 3 de março de 2020

trabalho e de construir um plano de valorização salarial para a categoria docente, além de parcelar o salário dos professores e aumentar os descontos da Previdência de 11% para 14%. Na ocasião, polarizaram-se projetos de educação que disputavam sentidos de qualidade na Rede Estadual de Educação. Desta forma, identifiquei o antagonismo entre o projeto do governo Pezão representado pela SEEDUC e o das ocupações das escolas.

A organização do movimento e configuração deste conjunto de demandas das ocupações de escola no estado do Rio de Janeiro chamou a atenção das mídias coorporativas, que publicaram, muitas vezes, edições de matérias caracterizadas pelos atores sociais pertencentes a este movimento como tendenciosas. Em contrapartida, houve um esforço de intelectuais do campo da educação em diferentes universidades do país, em especial nas linhas de pesquisa relacionadas aos estudos de políticas públicas em educação e currículo para se tentar compreender a natureza e desdobramentos desta luta política.

Para compreender esse processo de articulação de demandas, utilizei a noção de articulação pós-estruturalista de Ernesto Laclau. O autor (1985) define articulação como qualquer prática que estabeleça relação entre elementos, de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória. Desta maneira, a Teoria de Discurso de Laclau (2011, 2013) bem como os estudos de Políticas Curriculares de Lopes (2011, 2012, 2014, 2015, 2015, 2017, 2018, 2019) foram de suma relevância para a análise da constituição das demandas do movimento de ocupação de escolas e para a constituição de uma articulação frente ao antagonismo.

Neste sentido, o estudo deste artigo elucida que as demandas educacionais e curriculares do "Ocupa Compositor" fortaleceram-se ao se agregar as diferentes realidades da comunidade escolar frequentadora da instituição. Estas demandas iniciais dos ocupantes, por sua vez, perdem sua força na trajetória da luta política, ganhando novas singularidades. Deste modo, novas demandas sociais vão surgindo em paralelo, sobretudo demandas relativas à Segurança Pública envolvendo problemas de assaltos no entorno da instituição ou a invasão da própria instituição no intuito de roubar o patrimônio do espaço.

Na medida em que o "Ocupa Compositor" foi enunciando demandas curriculares mais específicas, articuladas no coletivo, tomaram os espaços de ato nas ruas para visibilizar suas reivindicações, mas acabaram esbarrando em mecanismos de coerção adotados pela gestão escolar na tentativa de se inviabilizar a mobilização estudantil naquele momento como verificaremos nos discursos estudantis de seção deste presente estudo.

A pesquisa de campo no movimento "Ocupa Compositor"

> Estado veio quente
> Nós já tá fervendo
> Diretor medroso
> Já saiu correndo
> E geral tá vendo o que está acontecendo
> Caixa de cerveja
> Na secretaria
> Olha que abuso da diretoria
> Plano escondido que ninguém sabia
> Livros empilhados isso dá fotografia
> Paródia "Baile de favela" - Ocupa Compositor[3]

A instituição localiza-se na região de Manguinhos, Zona Norte como já frisado anteriormente e a área é identificada de maneira pejorativa e preconceituosa como "Faixa de Gaza" por autoridades da Segurança Pública e por alguns chefes de Estado, considerando este território com alto índice de criminalidade. O colégio foi construído[4] na intenção de ser uma instituição modelo do PAC (Pacto de Aceleração do Crescimento) e inaugurado em 2009, pelo então governador da época, Sérgio Cabral e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

As instalações foram projetadas estrategicamente numa área considerada vulnerável pelos gestores da cidade para servir de modelo de ensino da região. Por isso, a estrutura conta com salas de informática, laboratórios de química e física, biblioteca, um amplo auditório, um ginásio esportivo (com quadra de basquete, futebol, vôlei, vestiários e um am-

[3] <https://www.facebook.com/ocupacompositor/photos/a.1583009938678210/1583872478591956/?type=3 &theater->Acesso em: 28 de Nov. de 2019.

[4] <https://oglobo.globo.com/rio/aberta-para-ser-referencia-escola-em-manguinhos-sofre-com-roubos-20003386>Acesso em: 28 de Nov. de 2019.

biente para artes marciais), além de um refeitório com mais de 50 lugares e cozinha moderna. Há, ainda, uma piscina com dimensões olímpicas, que se tornou a grande marca da escola, mas, hoje, se encontra abandonada nos fundos de um terreno com cerca de oito mil metros quadrados.

O motivo da escolha institucional respalda-se pelo fato de a instituição ter sido projetada como promessa de instituição "modelo" na gestão governamental do governo Cabral (2010-2014) numa área de vulnerabilidade social, como Manguinhos, e até hoje se encontra com sérios problemas de abandono estrutural e questões que tangem a Segurança Pública. Neste sentido, há condições territoriais que ocasionam instabilidade do cotidiano escolar de algumas instituições presentes no território. Por vezes, conflitos ocasionados entre policiais militares e facções criminosas inviabilizam a efetivação de dias letivos[5], interferindo no processo de ensino e aprendizagem do corpo discente. Deste modo, as demandas apresentadas pelo "Ocupa Compositor" possuem um caráter ainda mais específico com relação à maioria das ocupações de escola, pois articulam questões sociais relacionadas à educação, segurança pública, assistência social, saúde da população e racismo estrutural[6].

Tão complexa é a situação de criminalidade nesta área que, segundo o jornal "O Dia", no ano de 2017, o secretário de Educação César Benjamin decidiu fechar, por tempo indeterminado[7], 15 escolas localizadas em torno do Jacarezinho e Manguinhos, evitando expor os alunos a riscos de

[5]https://extra.globo.com/casos-de-policia/aulas-de-escola-em-manguinhos-sao-suspensas-por-conta-de-tiroteio-22940137.html>Acesso em: 20 Nov. de 2019.

[6]Ainda que o enfoque pós-estrutural se respalde pela inexistência de uma estrutura, "Racismo estrutural" é a noção utilizada nas discussões relativas à luta antirracista no Brasil, considerando o período histórico colonial de pelo menos 300 anos na sociedade e seus desdobramentos na pirâmide social da população. Conforme Almeida (2018, P.30), o racismo estrutural está intrinsecamente ligado a regras a partir de uma ordem social estabelecida. Almeida define que o racismo se estabelece em decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça. Ele compreende o racismo como regra, por isso acredita que é necessário adotar práticas antirracistas como a criação de políticas internas na instituição.

[7]<https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-08-21/escolas-do-jacarezinho-e-manguinhos-fecham-por-tempo-indeterminado.html>Acesso em: 20 de Nov. de 2019.

tiroteio. Nesta ocasião, as instituições deste território foram apelidadas pela SEEDUC de "polígono da violência nas escolas".

Soma-se a essa questão o abandono de serviços essenciais[8] ao cotidiano da população deste território por conta dos conflitos armados. Ainda segundo reportagem do jornal "O Dia", foram fechadas também no ano de 2017, na região, 11 escolas e 6 creches, prejudicando pelo menos 5.400 alunos pertencentes a esse território. Os serviços da COLUMRB (coleta de lixo) também interrompem seus trabalhos, deixando toneladas de lixo no espaço, proliferando, assim, o acúmulo de insetos, baratas e ratos, trazendo alguns riscos de doença como Zika, Dengue e Chikungunya. O serviço da Supervia, durante confrontos, também paralisa a circulação de trens no local.

A situação da escola no território apresentava um quadro muito precário, segundo relatos da imprensa. Outra medida polêmica tomada pela direção foi autorizar a entrada de policiais no colégio durante as aulas em 2015, o que ocasionava situação de tensão e desconforto entre os estudantes[9].

A construção da piscina nesta instituição possui uma história de apelo social que merece certo destaque nesta descrição: no dia 19 de fevereiro de 2008[10], a foto de um menino, chamado Christiano, nadando em uma poça saiu na capa do jornal "Extra", comovendo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A assessoria do presidente convidou o menino para estar presente na inauguração das obras do PAC em 2008 e, após este encontro com Lula, o menino passou a ser chamado de "Lulinha" pelos conhecidos e pela grande imprensa. Entretanto, em 2015, o menino (já adolescente) falece, sendo apontada, no laudo do IML, a utilização de entorpecentes, motivo não confirmado pelos moradores. Esta realidade, infelizmente, é recorrente na vida dos jovens moradores desta região, seja por envolvimento com drogas ou por conflitos de relações interpessoais na localidade.

---

[8]<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-08-21/alem-da-violencia-populacao-do-jacarezinho-lida-com-restricoes-de-servicos.html>Acesso em: 20 de Nov. de 2019.

[9]<https://www.brasildefato.com.br/2016/11/07/escola-em-manguinhos-no-rio-sofre-com-descaso-do-governo-estadual/>Acesso em: 20 de Nov. de 2019.

[10]<https://extra.globo.com/noticias/rio/sete-anos-depois-crianca-simbolo-do-pac-tem-morte-suspeita-16931792.htm>Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

Os roubos[11] dentro do colégio eram constantes desde o período das ocupações e, também posteriormente. A ousadia dos assaltantes deixa a escola até as escuras, quando são arrancados fios e instalação elétrica. Fora o prejuízo de todos os roubos somados, como televisões, mesas, lâmpadas, cadeiras, portas, janelas inteiras e vidros, que também foram levados pelos ladrões, além de um moderno quadro negro interativo. As investidas dos assaltantes na invasão da escola não dispensam nem utensílios da cozinha, cabos de internet e bombas d'água, levando à frequente falta de água na escola.

Segundo o Observatório de Conflitos Urbanos, pertencente ao IPPUR (Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano)[12], diante dos indícios de criminalidade no território foram criadas ações como o Fórum Social de Manguinhos, composto por associações de moradores, ações educativas e sindicatos de servidores da Fiocruz, objetivando combater a exclusão social neste chamado "território de exceção". O complexo de Manguinhos é formado por nove comunidades a partir de um processo heterogêneo de ocupação precária com muitas moradias localizadas em áreas de risco e assentamentos provisórios, diante de famílias removidas em áreas mais nobres da cidade. Conforme registros da Plataforma "Fogo Cruzado" [13], em 2018 os confrontos de tiro aumentaram 67% na região metropolitana do Rio, sendo campeãs no município do Rio de Janeiro as regiões de Manguinhos, Complexo do Alemão e Complexo da Penha.

Neste sentido, há condições de vulnerabilidade social que, por sua vez, vêm a se refletir na instabilidade do cotidiano escolar de algumas instituições presentes no território. Por vezes, como mencionei anteriormente, conflitos ocasionados pelo confronto entre policiais militares e facções criminosas inviabilizam a efetivação de dias letivos [14], interferin-

[11]<https://www.brasildefato.com.br/2016/11/07/escola-em-manguinhos-no-rio-sofre-com-descaso-do-governo-estadual/>Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

[12]<http://www.observaconflitosrio.ippur.ufrj.br/site/noticias2.php?id=24>Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

[13]<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/10/plataforma-fogo-cruzado-registrou-mais-de-6700-tiroteios-na-regiao-metropolitana-do-rio-este-ano.ghtml>Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

[14]<https://extra.globo.com/casos-de-policia/aulas-de-escola-em-manguinhos-sao-suspensas-por-conta-de-tiroteio-22940137.html> Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

do no processo de ensino e aprendizagem do corpo discente. Na página "Ocupa Compositor", a primeira publicação[15] que visibiliza as demandas da escola foi postada no dia 13 de abril de 2016, contendo a seguinte mensagem:

Quadro 1 - Mensagem da página "Ocupa Compositor"

Nós, alunos do Compositor Luiz Carlos da Vila, viemos por meio dessa nota repudiar as colocações dadas pelos meios de comunicações, recentemente. Querem desqualificar nosso movimento, afirmando que não temos uma pauta, entretanto, a resposta é única: temos pautas e legitimidades para tal ato.
1.1 - Queremos salas refrigeradas, porque nossas aulas são em lugares sem ventilação alguma.
A nossa realidade é muito diferente da sua sala de trabalho e da sua casa.
1.2 - Queremos uma reforma na escola, pois estudar em uma unidade na qual as paredes são recheadas de rachaduras não parece, pensando racionalmente, muito seguro.
1.3- Queremos uma direção que saiba dialogar com os alunos, uma vez que o tempo da ditadura passou e a democracia nos trouxe o privilégio da dialética, sendo assim queremos usufruir desse direito.
1.4 - Queremos a piscina funcionando, com projetos para alunos da escola e para moradores de comunidades ao redor. Já que o Governo não consegue criar áreas de lazer para a população, então, pelo menos, permita a comunidade usar a piscina.
1.5 - Queremos os postes de luzes do parque ao redor da escola reativados. Não adianta ter o poste e não haver a luz, pois dessa forma a nossa segurança fica totalmente vulnerável.
1.6 - Queremos um policiamento fora do colégio para evitar invasões. A polícia dentro do colégio não tem eficácia alguma, visto que dentro da escola tem estudantes e não criminosos.
O lugar dela é nas ruas e ao redor da instituição para nos proteger da criminalidade.
Portanto, se depois dessas enumerações de pedidos vocês insistirem que ainda não temos pauta, peço, encarecidamente, que venham assistir o nosso aulão de Português de interpretação textual, que será realizado dia 21/04/2016 com o professor Romulo Bolívar, em consideração aos seus e àqueles que necessitam de conhecimento.
A luta continua!

[15] < https://www.facebook.com/ocupacompositor/photos/a.1583009938678210/1585301491782388/?type=3&theater> Acesso em: 23 de Nov. de 2019.

Segundo relatos dos estudantes, o movimento foi criticado por terceiros por não possuir uma pauta definida em relação às outras ocupações. Ao interpretar essa postura como tentativa de se deslegitimar esta luta, o "Ocupa Compositor" tomou a iniciativa de confeccionar uma faixa gigantesca, elencando suas principais pautas e prendendo-a sobre a estrutura exterior do prédio, na intenção de que os pedestres e motoristas tivessem acesso a esse conteúdo. Esta estratégia foi inédita no conjunto de ocupações do Rio de Janeiro, chamando a atenção de muitas pessoas que transitavam próximo ao local. Na página do "Ocupa Compositor" foi postada uma foto no dia 20 de abril de 2016 após a confecção desta faixa.

Figura 1 - Confecção da faixa contendo as demandas do "OcupaCompositor" para ser colocada em cima da fachada da frente do prédio da instituição.



Fonte: <//www.facebook.com/ocupacompositor/photos/pcb.1587895818189622/1587895481522989/?type=3&theater>. Acesso: 18deDez. 2019.

Nesta faixa, visibilizavam-se, de maneira predominante, demandas específicas do Ocupa Compositor, como climatização das salas, grade-

amento das janelas, aulas em espaço livre, eleição direta para a direção, contra a opressão da direção, reintegração da escola com a comunidade, retirada do policiamento, acesso restrito a todas as salas, diálogo com a direção e contra a opressão da direção.

Observei que destas duas demandas referentes à direção, a que reivindica a abertura do diálogo vem logo à frente de todas as demandas e ocorre certa repetição na lista, agora com maior ênfase na oposição ideológica com relação da gestão ao elencarem "contra a oposição da direção". Logo, há uma evidência de que a ausência de gestão democrática no cotidiano da escola talvez fosse uma das demandas mais emergenciais reivindicadas pelo "Ocupa Compositor". Houve somente a menção de uma demanda mais geral do movimento ampliado de ocupações com uma particularidade na proposição da mudança da aplicação do SAERJ por aulas de reforço. Notei a predominância de demandas específicas que ganharam força, enfraquecendo possivelmente as demandas gerais iniciais.

Nesta mesma página, a maioria do conteúdo concentra-se em visibilizar os mutirões realizados pelo movimento na tentativa de se recuperar espaços abandonados ou deteriorados fisicamente. Chama a atenção o mutirão de recuperação da piscina olímpica organizado pela ocupação.

Figura 2 - Mutirão e esvaziamento de limpeza da piscina



Fonte: https://www.facebook.com/ocupacompositor/photos /a.1583009938678210/1599881906991013 /?type=3&theater> Acessado em: 18 de Dez. 2019.

Os depoimentos dos ocupantes do "Ocupa Compositor"

A pesquisa empírica utilizou o método de entrevistas estruturadas gravadas, seguindo um roteiro de perguntas elaboradas, de maneira que abrangessem os seguintes itens: nome, sexo, idade, onde trabalha ou estuda, escola em que ocupou e onde mora. Entrevistei 4 estudantes ex ocupantes de escola que atuaram politicamente no ano de 2016 no movimento do " Ocupa Compositor" ao longo do de ano de 2019.

A realização das entrevistas reuniu um conjunto de falas de estudantes que serão elementos empíricos centrais para o foco da presente pesquisa, objetivando compreender a significação da luta política das ocupações, a compreensão das demandas curriculares e educacionais e de que maneira ocorreu a sua ampliação mediante a articulação de outros movimentos.

A realidades territorial e educacional do "Ocupa Compositor" e os distintos processos de constituição do movimento de cada escola elucidaram um conteúdo de suma relevância para a interpretação deste estudo

As questões que nortearam a abordagem da entrevista foram as seguintes:

Quadro 2 - Perguntas abertas para os ex-ocupantes

1) O que você mais se lembra do processo das ocupações?
2) Como você participou?
3) Como você soube?
4) Como você se informou sobre a ocupação?
5) De que forma ela se iniciou?

6) O que te motivou politicamente a participar?
7)Como foi para você essa experiência de militância?
8) Como vocês decidiam sobre as deliberações do coletivo? (seja relativo ao cotidiano das atividades das ocupações ou direcionadas a reivindicações das pautas políticas)?
9) Quais eram as maiores reivindicações do coletivo naquela época?
10) Alguma pessoa ou grupo teve influência na construção destas reivindicações?
11)Que momentos você se recorda que foram decisivos para a conquista destas reivindicações?
12) Por que vocês reivindicavam essas pautas?
13) Que atividades pedagógicas propostas na escola mais te marcaram no momento das ocupações?
14) De que maneira o coletivo atuou intervindo nas decisões da escola ou do currículo após as ocupações?
15) Que relações políticas se estabeleceram com a comunidade escolar após as ocupações?
16) O que mudou na sua instituição?
17) O que permanece da mesma forma?

Os estudantes focalizaram, inicialmente, nas entrevistas, questões sérias com relação à postura da direção do Compositor, envolvendo posturas autoritárias e atos de injúria racial no tratamento com o corpo discente. Como a instituição atendia outras pessoas do entorno que não eram estudantes, notamos um envolvimento inicial da comunidade escolar com a constituição inicial do movimento das ocupações:

> A gente sentou em roda. Aí com ajuda da comunidade, que eram pessoas que é representante da comunidade que levaram microfone e aí a gente começou a falar dos problemas da escola que, né? A gente começou a reclamar da direção. Que a direção ofendia os alunos. Que taxavam os alunos de macaco, disso e daquilo. Cada pessoa tinha a sua reclamação. Pegava um microfone e falava e isso foi é gerando e é... Ainda mais revolta dos outros alunos. Aí foi chegando o turno da noite que também é um turno muito complicado que as pessoas trabalham, né, e quase não tem tempo pra se envolver com

> as questões da escola, mas aí quando eles viram que tinha a oportunidade de falar, pegaram o microfone e começaram a falar também. E aí quando a gente pensou como era complicado, né, você ter um acesso... O certo é você ter acesso a tudo na escola. E a biblioteca foi negada. A gente não conseguiu continuar nossa reunião, porque a gente não tinha espaço, sabe? É estratégico... É como... Como o auditório, por exemplo, pra você falar bem (Juliana).

Observei a identificação inicial de outros grupos pertencentes à comunidade escolar com demandas relativas ao movimento das ocupações. Essa identificação trouxe certa autoconfiança na sua primeira reunião de auto-organização. Ao se proferir a expressão "*Cada pessoa tinha a sua reclamação. Pegava um microfone e falava e isso foi é gerando e é... Ainda mais revolta dos outros alunos"*, pode-se verificar o reconhecimento de demandas específicas, através de outros discursos, ampliando-se as cadeias articulatórias e, ao mesmo tempo, atribuindo-se significação a luta estudantil nos momentos iniciais. É sinalizado também, neste pronunciamento estudantil, a denúncia ao cerceamento dos espaços escolares, ocasionando a inviabilidade das atividades pedagógicas ou falta de acesso aos conteúdos curriculares importantes para a formação estudantil.

Assim, menciona-se também a negação de demandas educacionais cotidianas: "O certo é você ter acesso a tudo na escola. E a biblioteca foi negada.". A associação destas duas expressões, em sequência, evidencia a falta de acesso da biblioteca na escola como uma demanda que não compete só a espaços físicos da escola mas à formação intelectual discente. Reivindicar o espaço da biblioteca significa também pautar o acesso a livros, espaço para estudo e pesquisa, profissionais em educação que direcionem as tarefas escolares ou pesquisa sem que "tais demandas sejam enunciadas diretamente" (Lopes, 2018, p.159).

Há um depoimento estudantil dimensionando tamanho tensionamento da relação antagônica entre a gestão escolar com os discentes no espaço escolar e a ausência de diálogo no cotidiano, potencializando medidas coercitivas contrárias ao movimento dos estudantes durante o processo de ocupações:

> Que, por exemplo, nosso diretor era o... Era o XXXX que, embora fosse um professor de história era um cara extremamente racista. Era um cara homofóbico. Por exemplo, tanto de chamar um aluno de macaco e pediu pra uma aluna pra descer do poleiro dela, como se ela fosse uma galinha. Tudo mais. Isso são fatos que aconteceram. Outros alunos presenciaram. Então nós tivemos que usar um pouco meio que a inteligência. Por exemplo, nós começamos a fazer Assembleias no colégio e isso começou a assustar o diretor. Tipo a gente começou a ter uma visão maior, até dentro da comunidade onde o colégio tá inserido. E depois de muita conversa nós fizemos atos nas... Na rua. Tanto que nós fomos escoltados da porta do colégio até o Nova América pela polícia. Foram... Foram duas viaturas acompanhando a gente da porta do colégio até o Nova América que foi aonde a gente se concentrou. Onde a gente... Que a gente fez a nossa concentração até onde a gente foi e aí ele... O XXX já via... OXXXX, no caso o diretor, ele já via que não teria outro jeito que o colégio ia ser ocupado. Então ele começou com o processo de... De acorrentar toda a escola. Então as portas que tinham fechaduras, passaram a ter correntes. Só que uma manobra muito safa do pessoal que tomou a frente da ocupação (Fernando).

A gravidade dos elementos levantados neste pronunciamento estudantil revela a necessidade de se suscitar o debate da diversidade étnica, sexual e cultural dentro do espaço escolar, enunciando não somente a demanda da gestão democrática ou planejamento participativo, mas também a necessidade de um currículo que contemple práticas democráticas e agregadoras.

Há também a construção de uma visão romantizada com relação à postura pedagógica que se espera de um professor de História diante da expressão adversativa "*Embora fosse um professor de História, era um cara extremamente racista. Era um cara homofóbico*". Nesta perspectiva, os profissionais licenciados/as na disciplina de História têm uma predisposição compulsória a se inclinarem politicamente por assuntos relativos às reivindicações gerais dos movimentos sociais ou pautas identitárias existentes atualmente.

Em seus estudos, Lopes explica que o direcionamento a esta associação na disciplina de História também se faz presente no atual debate da

BNCC, especificamente no conteúdo disciplinar da graduação, no entanto, aglutinando outros atores sociais, não necessariamente formados na graduação que se articulam pela subjetivação da disciplina:

> Tais reivindicações, que associam História ao pensamento crítico, à formação da identidade de ação e /ou à cidadania, são postas em marcha por diferentes atores sociais e pela articulação dessas reivindicações não atendidas, é constituída uma subjetivação para a comunidade da disciplina escolar História (LOPES, 2018, p.160).

Deste modo, quando os estudantes associam lutas antirracistas , LGBT e a defesa da pluralidade de ideias no espaço escolar à natureza da disciplina de História, suas reivindicações vão sendo articuladas aos conteúdos curriculares que supostamente estão propensos a estimular o pensamento crítico e princípios democráticos na escola.

No depoimento estudantil, também se enfatizou uma amplitude de visão das estratégias da luta a partir do contato direto com espaços deliberativos, contemplando assim a troca de experiências políticas do conjunto de demandas advindas de diferentes grupos: "*Por exemplo, nós começamos a fazer Assembleias no colégio e isso começou a assustar o diretor. Tipo a gente começou a ter uma visão maior, até dentro da comunidade onde o colégio tá inserido.*". A "*visão maior*" da qual esta fala se refere está possivelmente associada a uma postura com maior maturidade organizacional e política em relação às mobilizações iniciais deste movimento. Segundo o mesmo, a articulação de maneira abrangente, com um coletivo mais numeroso, possibilitou até mesmo uma visão espacial estratégica da comunidade em que a instituição está localizada.

Mencionar-se, adiante, as medidas de proteção, que a gestão escolar da instituição adotou ao notar o fortalecimento do coletivo: "*Então ele começou com o processo de... De acorrentar toda a escola. Então as portas que tinham fechaduras, passaram a ter correntes.*". Na medida em que o "Ocupa Compositor" foi enunciando demandas curriculares mais específicas, articuladas no coletivo, tomaram os espaços de ato nas ruas para visibilizar suas reivindicações, mas acabaram esbarrando em mecanismos

de coerção adotados pela gestão escolar na tentativa de se inviabilizar a mobilização estudantil naquele momento.

A partir destas ações de caráter coercitivo da gestão, polariza-se uma relação de negociação ainda mais conflituosa e distante entre os dois lados. Visibilizam-se, assim, as tensões políticas acirradas nas disputas pelos sentidos das políticas de currículo entre gestão escolar, representando o discurso hegemônico (universal) e comunidade escolar numa arena pretensamente democrática (particular).

Ao refletir em seus estudos sobre conexões entre democracia e representação, Lopes (2012, p.710) ressalta que, no campo das políticas curriculares, a democracia pressupõe manter aberta a possibilidade de diferentes demandas, considerando o lugar de poder (o universal) como vazio. Na sua avaliação, a defesa de certas opções curriculares, como saberes, valores, projetos e finalidades comuns por referência ao universalismo científico não lhe parecem um processo democrático, ocultando contingências e possíveis conflitos na luta política.

Neste sentido, concordando com Lopes, ao se trancar a escola e cercear a entrada do corpo discente na sua auto-organização política, hegemonizam-se posições, evitando preencher vazios destes significantes em que pode nos colocar num horizonte democrático da política. Além da ausência de diálogo estabelecido dos estudantes do "Ocupa Compositor" com a gestão escolar e tentativa de se inviabilizar o acesso ao espaço, a motivação dos estudantes por este de movimento se constituía diante do processo de abandono estrutural a uma escola prometida como "modelo" para os estudantes, naquele território, pelos seus governantes. Assim, estudantes descrevem de maneira incisiva, e com certa indignação, o dia da inauguração do colégio:

> Assim. Começaram a rolar muitas pautas, porque como nossa escola ela foi criada para ser uma escola modelo, ela devia prover tudo que uma escola modelo provinha, né? No caso, uma boa educação, uma boa estrutura, um bom espaço. Só que, na verdade nada disso aconteceu né? O que aconteceu foi outra coisa. A gente teve uma escola que foi feita para ser modelo, mas que foi entregue pra favela e depois simplesmente abandonada pós-inaugurada, sabe?Rolou toda aque-

> la... Não sei se eu posso usar essa palavra, mas rolou uma palhaçada, né, durante a inauguração, sabe? O governo falou que ia cuidar e que ia zelar pela escola e a gente sabe que não foi isso que aconteceu. Perante isso, os alunos começaram a ficar muito indignados, sabe?Porque a gente queria... Queria melhoria. A gente queria poder usar a piscina e a piscina tava simplesmente horrível. Em condições, acredito eu mais que precárias né? Tinha lodo na piscina, sabe? A... Não havia cuidado, não havia limpeza e coisas do tipo. E perante isso a gente começa a se mobilizar. (José)

Ressalta-se a defesa em prol dos significantes "*boa educação*", "*boa escola*", "*boa estrutura*", expressões mencionadas na fala de José e, posteriormente, emite-se certa descrença nas ações dos políticos convencionais através da expressão: *"Só que, na verdade nada disso aconteceu né?"*.

Ao final, evidencia-se as condições referentes à limpeza e ao abandono dos espaços mobilizaram os estudantes a compor esta luta política através da expressão "*Não havia cuidado, não havia limpeza e coisas do tipo. E perante isso a gente começa a se mobilizar"*.Deste modo, a demanda específica por melhores condições de estrutura e funcionamento da instituição constituíram o movimento "Ocupa Compositor", determinando como corte antagônico também a gestão escolar vigente, interpretada pelo discurso estudantil como negligente.

Denuncia-se, nesta interpretação deste ator, o abandono de representações governamentais na implementação das políticas educacionais em territórios de vulnerabilidade, como as favelas, e o descompromisso das instâncias do Estado com princípios democráticos. Ao refletir sobre o regime de democracia vigente, Lopes e Matheus (2011, p.164) enfatizam em seus estudos que a única forma de se garantir estes princípios frente às disputas pelas políticas curriculares é diminuir as distâncias entre representantes e representados, ainda que essa distância nunca seja superada completamente. Deste modo, a disputa e o dissenso são pressupostos da democracia como processo de tensão entre particular e universal, pois permanecem se desenvolvendo.

O mesmo discurso estudantil ao se referir os processos políticos de maneira pejorativa e com tom de revolta, vem a questionar as formas de construção políticas institucionais vigentes atuais, angariando benefícios eleitoreiros: *"Rolou uma palhaçada, né, durante a inauguração, sabe? O governo falou que ia cuidar e que ia zelar pela escola e a gente sabe que não foi isso que aconteceu. Perante isso, os alunos começaram a ficar muito indignados, sabe?"*.

Assim, gerou rejeição nesta fala estudantil ao modelo institucional de política de estado vigente ao prometer àquela comunidade escolar o atendimento das demandas educacionais e curriculares no ato da inauguração mediante o funcionamento de uma pretensa escola modelo e, logo adiante, abandoná-la. A expressão "*Rolou aquela palhaçada né?*" emite um sentimento de descrença e generalização negativa às formas de representação nas vias da democracia na arena política, compreendendo o outro como "opositor". Neste sentido, a possibilidade de abertura de diálogo fica interrompida, uma vez que o discurso estudantil incute um senso comum do pensamento "*são todos iguais*", no que tange as questões envolvendo a representatividade política institucional.

Ao se contrapor, em seus estudos no modelo da política democrática instituída, Mouffe (2015, p.19) defende que é necessário se reconhecer a permanência da dimensão antagonista, mas propõe a ideia do antagonismo compreendendo a relação entre eles/nós como conflitantes, reconhecendo, assim, a legitimidade de seus oponentes. O governo Pezão, nesta perspectiva, seria, assim, adversário e não opositor, partilhando uma disputa num lugar de conflito.

Por se localizar na área de Manguinhos, podemos identificar que existiram especificidades no cotidiano de cada luta política nesta instituição ocupada proveniente de territórios muitos distintos no Rio de Janeiro. O "Ocupa Compositor" vivenciou situações de tensão em alguns momentos na região, recebendo ajuda expressiva de redes de apoio de moradores e coletivos que se identificaram com esta luta política:

> É durante um momento da ocupação a gente sofreu algumas repressões bem sinistras assim durante a noite. Chegou a entrar gente que eu não sei se eu posso dizer fardada, porque no escuro a gente não consegue enxergar direito, né? Mas com roupas escuras assim capuz e tudo mais. E estavam sabotan-

> do a ocupação. É quebraram nossa... Nosso não, né? É nosso porquê o que é da escola é nosso. Mas quebraram a bomba da escola com o intuito de sabotar a ocupação pra acabar com a nossa água. E a gente seguiu sem água. Assim... E foi uma parada muito sinistra, porque é como você tá numa casa sem água e sem água você não mantém nada. Você precisa de água pra limpeza, precisa de água pra alimentação, precisa de água pra sua higiene. Então sem água você não consegue movimentar nada e a gente se viu muito perdido ali nesse momento. Sei que a gente começou a... A receber um apoio tão grande de outras é... Outros coletivos militantes também. A gente começou a entender cada vez mais o significado de militância sabe? Foi... A gente para nós aqui era estar na nossa casa. E você ver alguém batendo na sua porta pra te ajudar, sabe, é muito gratificante. É você estar sem água e você simplesmente receber visita com galão de água falando: "Aqui. A gente trouxe pra te ajudar. A gente tá com vocês. Continuem na luta, sabe? O que vocês tão fazendo é justo. É por vocês. É com intuito bom.". E a gente começou a receber esse apoio e a gente... Assim foi tendo uma... Uma noção muito maior do que era a militância, sabe?(José)

As dificuldades encontradas naquele território provido de expressivos conflitos urbanos e altos indicadores de criminalidade afetaram aspectos da segurança da organização do "Ocupa Compositor", inviabilizando o acesso às condições elementares para a continuidade da ocupação, como acesso à água e até a própria insegurança que a redondeza proporcionava. Noto que a demanda da "falta d'água", por exemplo, naquele momento da ocupação atrapalhou a própria regularidade do movimento, não permitindo condições de permanência de seus atores como a limpeza do local, o asseio ou a alimentação. Essa demanda surge a partir da lógica contingente de uma suposta sabotagem a esta luta política, portanto assume um caráter provisório.

No entanto, devido a essas complicações na condução do movimento, outras articulações políticas com grupos de apoio foram se estabelecendo no processo. A aproximação de outros coletivos militantes (SEPE, profissionais e estudantes da Fiocruz, movimentos sociais de Manguinhos) possivelmente foi decorrente da identificação com o corte antagônico frente às ações governamentais vigentes naquele momento. Por isso, Lo-

pes (2018, p.158) em seus estudos, chama a atenção para a interpretação da articulação de demanda, uma vez que o antagonismo possibilita a equivalência entre demandas. Demandas, não necessariamente vinculadas à educação, mobilizariam grupos políticos ainda mais abrangentes que coadunariam com as pautas: "Fora Pezão!", "greve Estadual!" ou "Pelo aumento salarial dos servidores!".

Havia também as redes de apoio compostas por moradores do entorno da comunidade que creditavam, nesta luta política, confiança na defesa das demandas educacionais e curriculares do "Ocupa Compositor", seja pela proximidade afetiva com os estudantes, pelo anseio em ter uma instituição escolar de qualidade em seu território ou pela defesa de ensino de qualidade de maneira ampla. Diante deste contato direto com os membros da comunidade e a possibilidade de uma reflexão mais apurada acerca das questões sociais mais gerais envolvendo o território de Manguinhos, alguns estudantes descreveram o momento de ampliação da cadeia articulatória a partir de outras demandas enunciadas pelo entorno:

> A gente viu que militância é você lutar pelos seus direitos, mas você lutar pelo direito do próximo também, sabe? Porque quando você luta pela educação, você não tá lutando só por você ou pela sua turma. Você ta lutando por todo um grupo de pessoas. E quando você luta por uma ocupação, por uma escola localizada numa favela, você tá lutando por educação pra gente que realmente precisa. Lógico, todos nós precisamos de ocupação, mas se você entende isso que eu quero dizer é que na favela a gente já não tem muita coisa. Educação é uma das poucas coisas que nós temos pra mudar assim. A nossa realidade. Mudar nossa vida. E quando a gente tava ali na ocupação lutando, a gente conseguiu ver o... O... A comunidade escolar cada vez mais se aproximando da gente. A gente foi assim concatenando ideias e criando uma ideologia. Não criando uma ideologia, mas assim melhorando na nossa mente uma ideologia já existente. Que era a ideologia de você lutar pelo próximo, a ideologia de você lutar pelos seus direitos. E eu acho que mais ou menos isso que eu aprendi na ocupação, sabe? Eu aprendi que por mais que a gente tenha nossos deveres, nós temos os nossos direitos e a gente tem

> que lutar por eles. E porque se a gente não fizer isso, ninguém faz pela gente. Acho que é...(José)

Nesta fala estudantil, observo sua percepção no momento da aglutinação das demandas do entorno da comunidade através da expressão: *"E quando você luta por uma ocupação, por uma escola localizada numa favela, você tá lutando por educação pra gente que realmente precisa"*. Ao mencionar *"Gente que realmente precisa"*, certamente atribui essa caracterização à parcela da população mais precarizada e com menor acesso à educação básica e a direitos sociais garantidos pela Constituição aos cidadãos brasileiros, o que configura essas reivindicações como demandas sociais. Matheus e Lopes definem em seus estudos o que compreendem por demandas sociais:

> Entendemos as que se referem a um projeto de sociedade que se intenta concretizar pela via da educação de qualidade. As demandas sociais dizem respeito à construção de uma sociedade mais justa. Justiça social é uma demanda que está ligada ao fim das desigualdades sociais, à inclusão social, ao respeito à diversidade cultural e à redução da pobreza (MATHEUS E LOPES, 2015, p.345).

Matheus e Lopes, (2014, p.345) definem demandas sociais como reivindicações de princípios a uma educação mais justa, se contrapondo às desigualdades sociais. Neste sentido as autoras nos ajudam a entender a argumentação do discurso estudantil. Afirma-se na fala anterior do estudante que a educação pode mudar a realidade do local, sinalizando a invisibilidade dos territórios de favela perante o Poder Público e conectando-se com outro projeto de sociedade através da luta pela educação de qualidade. Amplia-se através do conceito de demanda social, o discurso da luta pela cidadania dos habitantes do local, aproximando os anseios da comunidade escolar e do entorno ao conjunto das demandas educacionais do "Ocupa Cairu".

Para se compreender esta aglutinação entre demandas sociais e educacionais no discurso, Lopes e Matheus explicam a inter-relação em seus estudos em meio à produção das políticas curriculares:

> Demandas educacionais e sociais estão inter-relacionadas, sendo significadas numa relação de causa e efeito: as demandas educacionais, quando satisfeitas, produzirão as condições necessárias à satisfação das demandas sociais. "O sistema educacional deve ter como meta a promoção do aumento dos níveis de escolarização da sua população, capacitando-a para atuar de forma crítica e responsável na construção de uma sociedade mais justa, democrática e desenvolvida" (Brasil, 2004a, p.27). A relação de causa e efeito entre demandas sociais e educacionais tanto é construída pela inclusão da educação de qualidade na agenda do desenvolvimento do país como produz formações discursivas que a viabilizam (2014, p.345).

A promoção das demandas sociais, garantindo os direitos fundamentais ao cidadão, facilita o atendimento das demandas educacionais existentes. No entanto, as duas autoras (2014, p.346) alertam para o risco de não se defender o inverso na maioria dos documentos, ou seja, o discurso de qualidade da educação se constitui através da articulação entre o discurso da qualidade social e o discurso da qualidade que se quer total.

Em suma, o "Ocupa Compositor" evidenciou, em sua luta política, demandas sociais conectadas com as questões urbanas específicas da cidade do Rio de Janeiro. Observamos nas falas estudantis dos ocupantes, a necessidade emergencial de uma política de Segurança Pública que respeite o direito de ir e vir dos moradores periféricos e a garantia de um projeto de ampliação de direitos sociais às favelas cariocas e áreas periféricas da cidade.

CONCLUSÃO

O escopo desta pesquisa procurou argumentar ao longo destas interpretações que as ocupações de escolas no Rio de Janeiro foram um movi-

mento que se constituiu a partir do processo de articulação de demandas curriculares e educacionais mobilizadas por ações de diferentes instituições e atores sociais que compunham esta luta política. Essas demandas ora assumiram a defesa de sentidos da qualidade da educação no jogo das negociações, ora se constituíam a partir de anseios da ordem do desejo, sendo enunciadas, também, posteriormente ao movimento.

Observou-se ao longo deste estudo que as demandas curriculares e educacionais do "Ocupa Compositor" ampliaram-se, fortalecendo a ampliação de sua cadeia através de outras demandas específicas direcionadas às necessidades iniciais no surgimento da ocupação e as que foram identificadas ao longo do processo do movimento.

Há por vezes na essência destas demandas, uma alternância com relação ao corte antagônico constituídas a partir da contraposição dos estudantes com relação à gestão escolar vigente no Ocupa Compositor. Lembremos-nos de algumas destas expressões na pesquisa que evidenciam este antagonismo: "A gente teve uma escola que foi feita para ser modelo, mas que foi entregue pra favela e depois simplesmente abandonada pós-inaugurada, sabe..."

Por vezes, segundo relatos dos ocupantes a conduta desta direção extrapolava os limites do trato na relação com os estudantes, revelando comportamentos inconcebíveis expressos nestes discursos estudantis: *"Que, por exemplo, nosso diretor era o... Era o XXXX que, embora fosse um professor de história era um cara extremamente racista. Era um cara homofóbico. Por exemplo, tanto de chamar um aluno de macaco e pediu pra uma aluna pra descer do poleiro dela, como se ela fosse uma galinha" (Ocupa Compositor).* Nestas circunstâncias, as demandas específicas variavam conforme desde o descaso com as ações pedagógicas e administrativas na instituição até perante a postura autoritária e desrespeitosa nas relações interpessoais.

Assim, o "Ocupa Compositor" constituiu diante de seu movimento não apenas demandas educacionais, mas também demandas sociais correlacionadas à pauta de direitos humanos que compreendem o "direito de ir e vir" e a cidadania plena não somente da comunidade escolar como da população do entorno do território de Manguinhos.

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. **Global education**. Inc.: new policy networks and the neoliberal imaginary.NovaIorque: Routledge, 2012.

CNN Brasil. **Ex governador Luiz Carlos Pezão e condena a quase 99 anos de prisão.**
Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br_polica_2001_06_04_ex-governador-do -rio-luiz-fernando-pezao-condenado-a-quase-99-anos-de-prisao. Acesso em 30 de abril de 2020

COSTA, L. M. G. da. **#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017

G1.Secretário de Educação do Rj exonera,Wagner Victer assume. Disponível em http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/secretario-de-educacao-do-rj-e-exonerado-wagner-victer-assume.html. Acesso em 3 de março de 2020

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LACLAU, E. Razão Populista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.LOPES, A. C. **Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?** Revista Brasileira de Educação, n. 26, p p.109-118, 2004.

_____. Políticas de currículo: questões teórico-metodológicas. In: LOPES, A. C.; DIAS, R.E.; ABREU, R. G. **Discursos nas Políticas de Currículo.** Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

_____. **Políticas de currículo numa perspectiva discursiva**. Disponível em

<http://www.curriculo-uerj.pro.br/imagens/pdfProj/politicas__32.pdf>. Acesso em: 02 Dez. 2019.

_____. **A Democracia nas políticas de currículo.** Cadernos de Pesquisa, v. 42, p p.700- 715, 2012.

_____. **No habrá paz enla política. Debates y Combates**, v. 4, p p.1-25, 2014.

_____. **Por um currículo sem fundamentos.** Linhas Críticas (UnB), v. 21, p p.445-466, 2015.

_____. **A teoria da atuação de Stephen Ball: e se a noção de discurso fosse outra?** Archivos Analíticos de Políticas Educativas/EducationPolicyAnalysisArchives, v. 24, p p.1-19,2016.

LOPES, A. C.; DIAS, R. E.; ABREU, R. G. de. (Org.).**Discursos nas políticas de currículo**. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo.** Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

LOPES, A. C.; OLIVEIRA, A. L. de.; OLIVEIRA, G. de. **A teoria do discurso na pesquisa em educação.**Recife: EdUFPE, 2018.

LOPES, A. C.; OLIVEIRA, A. L. de.; OLIVEIRA, G. de. **Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo.** Recife: Ed. UFPel, 2018.

MOUFFE, C. **Por um modelo agonístico de democracia.** Rev. Social. Polit. Curitiba, n. 25,p p.165-175, jun. 2006.

_____. **Sobre o político.**Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SANTOS, M. R. Demandas Curriculares na Cidade do Rio de Janeiro. Tese de doutorado em Educação. (Doutorado em Educação)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020

SEPULVEDA, J. A.; SEPULVEDA; SEPULVEDA, D. **Conservadorismo e Educação Escolar: um exemplo de exclusão.** Movimento-revista de educação, v. 5, p. 282-314, 2016.

_____. **Formação de identidades e processos de subjetivação na escola**. Teias (Rio de Janeiro. Impresso), v. 16, p. 103-116, 2015.

SOUZA, N. S. 2021. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social Rio de Janeiro**. Zahar . 171p.